

O património industrial e os museus: que relação?

The industrial heritage and the museums: what relationship?

Enviado em: 31-05-2022

Aceito em: 31-06-2022

José Amado Mendes¹

Resumo

Apesar de tratar de duas realidades diferentes – património industrial e museus –, existe uma estreita relação entre elas. Com este artigo pretende-se evidenciar os processos através dos quais o património resultante do desenvolvimento económico e tecnológico está presente em numerosos “lugares de memória” (museus). Começa-se por analisar o conceito de património industrial, parte integrante do património cultural, bem como o contexto socioeconómico em que o mesmo se afirmou e ampliou, com o contributo da Arqueologia Industrial, novo ramo de conhecimento. Devido à “destruição criadora”, provocada pela II Guerra Mundial e consequente reconstrução, e em virtude da forma como os vestígios do passado passaram a ser perspetivados, antigas estruturas industriais e equipamentos tecnológicos têm vindo a assumir maior relevância. Além de objeto de estudo, investigação e ensino-aprendizagem, aqueles testemunhos constituem ainda fatores de desenvolvimento, com a sua musealização e inclusão em atividades no âmbito do turismo cultural e industrial. Os resultados de iniciativas tomadas neste domínio são promissores.

Palavras-chave: Património industrial, museus, desenvolvimento.

Abstract

In spite of treating two different realities – industrial heritage and museums –, there is a narrow relationship between both. With this article we intend to demonstrate the processes through which the heritage resultant from economic and technological progress is present in numerous “places of memory” (museums). We begin by analyzing the concept of industrial heritage, an integral part of cultural heritage, as well as the socioeconomic context under which it has affirmed itself and grown, with the contribution of Industrial Archeology, a new branch of knowledge. Due to the “creative destruction”, brought about by WWII and its subsequent reconstruction, and in virtue of the way the remains of the past began to be perceived, old industrial structures and

¹ Universidade de Coimbra (Ap.^o) e Universidade Autónoma de Lisboa. Professor catedrático.
E-mail: jamendes@autonoma.pt

technological equipments have been gaining greater relevance. Besides the object of study, investigation and teach-learning, those testimonies also constitute factors of development, with its musealization and inclusion in activities within the scope of cultural and industrial tourism. The results of initiatives in this domain are promising.

Keywords: industrial heritage, museums, development.

Introdução

As questões relacionadas com o património estão na ordem do dia. Com efeito, os *heritage studies* já constituem disciplina própria em algumas universidades, assim como a investigação e as publicações sobre a temática se multiplicam.

Esse sucesso do património cultural – há mesmo quem fale, inclusive, de uma certa “patrimonialização” – advém de vários fatores. Desde logo, da grande amplitude que aquela noção tem vindo a adquirir, nas últimas décadas, fruto, por sua vez, da democratização da sociedade e da própria civilização. Por outro lado, o conceito de património não é estático, mas dinâmico, pelo que vai sofrendo alterações e incorporando novas realidades, consoante o respetivo contexto.

Assim, de um conceito estrito de património, em voga até meados do século XX – que englobava, essencialmente, obras-primas e objetos artísticos, arqueológicos, históricos e militares –, passou-se a um conceito muito mais amplo, que abrange artefactos e vestígios de todo o tipo.

Como já foi sublinhado, «património refere-se a todas as pessoas que acreditam em alguma coisa, ou que acreditam simplesmente que são diferentes» (HOWARD, 2003, p. 1-7)². Neste sentido, pode afirmar-se que, embora nem tudo seja património, tudo pode vir a tornar-se património.

Com esta nova noção de património surgiram igualmente novas perspetivas de o encarar e de o investigar. Assim, aquele começou a ser focado não apenas como lugar de memória e elemento fulcral de identidade,

2 Como em casos análogos, nas citações a partir de obras em língua estrangeira, a tradução é da minha responsabilidade.

mas também como algo que agrega diversos tipos de valores, entre os quais os seguintes: de uso e pedagógico; de testemunho e económico; estético e cultural.

Curiosamente, a própria obsolescência e raridade acrescentam valor ao património. A propósito, destaca Josep Ballart:

Ninguém conserva um rádio velho para escutar as ondas, mas porque está prestes a entrar numa categoria nova, a dos rádios antigos. A obsolescência alarga a vida dos objetos que já não servem para nada, mas trata-se de “outra vida”. Nesta “outra vida” reside, em parte, o valor de relíquia do objeto, que para uns é anedota, para outros sentimentos e para outros, ainda, símbolo e tóteme (BALLART, 1997, p. 229).

Mas, a popularidade e quase ubiquidade do património provêm, igualmente, da estreita relação que há entre ele e outras facetas da realidade, o que, por sua vez, faz do dito património um objeto de pesquisa interdisciplinar por excelência. Deste modo, ele constitui elemento fulcral de estudo e investigação em domínios do saber tão diferenciados como a cultura material, a *public history* – ou “história aplicada” –, a comunicação científica e técnica, o urbanismo e a requalificação urbana, a história e a história da arte, a arqueologia e a etnologia, a conservação e o restauro, o turismo cultural e os museus, nas suas várias modalidades, e o desenvolvimento (TROTTIER, 1994, p. 4-5).

Na impossibilidade de abarcar, simultaneamente, o património na sua totalidade, em vez de património faz mais sentido falar-se de **patrimónios**, o que resulta da necessidade de o segmentar.

De facto, é possível distinguir, por exemplo, as seguintes modalidades de património: artístico, literário, linguístico e científico; arquitetónico e urbanístico; gastronómico e folclórico; arqueológico e industrial. Dada a temática selecionada para este artigo, passo a deter-me sobre o **património industrial**, assim como da sua relação como os **museus**.

Património industrial: vertente dinâmica e inovadora do património cultural

O património industrial é um novo bem cultural e um dos patrimónios emergentes³. A sua grande relevância corresponde ao significado dos fenómenos históricos a que está indissociavelmente ligado, isto é, a Revolução Industrial, o processo de industrialização e o desenvolvimento da tecnologia.

Como é sabido, desde a revolução neolítica, há milhares de anos, que não se registava uma transformação tão profunda na história da Humanidade como aquela que se iniciou, no Reino Unido, há pouco mais de dois séculos – ou seja, nas últimas décadas do século XVIII – e depois se expandiu pelos cinco continentes. Refiro-me à 1.^a Revolução Industrial, à qual se sucederam mais duas e, atualmente, o dealbar de uma quarta. As alterações verificadas, a partir de então, foram tão significativas que Peter LASLETT (1975), para se reportar à realidade histórica anterior, fala do “mundo que nós perdemos”.

Todavia, como a industrialização não partiu do zero, mas se inseriu numa sequência de inovações e progressos, o património industrial não se circunscreve aos vestígios contemporâneos da Revolução Industrial, nas suas diversas vagas – como chegaram a defender alguns investigadores britânicos–, mas leva-nos a recuar aos séculos precedentes. Como já foi lembrado: «É importante notar que o património industrial existe em todas as fases do desenvolvimento humano. Assim, ele não se encontra só nos séculos XIX e XX, mas também, por exemplo, nos tempos pré-históricos e medievais» (FALSER e YANG, 2001, p. 9).

De facto, deve prestar-se atenção aos testemunhos materiais de indústrias e meios de comunicação tradicionais, nomeadamente moinhos, ferrarias, mineração, forjas, curtumes e indústria da madeira (ÁLVAREZ ARECES, 2001, p. 157), bem como aos meios de transporte de tração animal e a embarcações, fluviais e marítimas.

O património que nos foi legado pela industrialização é imenso, não obstante o muito que já desapareceu (ÁLVAREZ ARECES, 2002, p. 12) e

3 ÁLVAREZ ARECES, 2001, p. 8-9; SANTACANA MESTRE e NÚRIA SERRAT, 2005, p. 30. Sobre o assunto ver ainda: BERGERON e DOREL-FERRE, 1996; ANDRIEUX, 1972.

continua a desaparecer, no dia a dia. A sua diversidade é enorme e passa, entre outras, pelas seguintes modalidades:

- a)** estruturas (fábricas, bairros operários, pontes, estações ferroviárias, mercados, edifícios de exposições, centrais elétricas e gasómetros ou fábricas de gás);
- b)** equipamentos (máquina a vapor e turbina elétrica, teares e máquinas de fiação, máquinas elevatórias de água e diversos outros maquinismos, entre os quais os eletrodomésticos);
- c)** paisagens mineiras e industriais e suas alterações, ao longo do tempo;
- d)** arquivos, fotografias e relatos orais;
- e)** catálogos e produtos diversos;
- f)** meios de transporte e comunicações, desde o caminho-de-ferro e o automóvel ao transporte aéreo e da telegrafia elétrica à Internet⁴.

O movimento em prol do património industrial, ao qual veio a associar-se uma nova disciplina, a Arqueologia Industrial, é relativamente recente, pois data fundamentalmente de meados do século passado. Acerca deste novo “território” de investigação e ensino-aprendizagem, enfatiza Miguel Ángel Álvarez Areces: «A arqueologia industrial como matéria que estuda, investiga e defende a preservação do património industrial está-se convertendo num movimento cultural e social que amplia, dia a dia, o marco estrito de uma disciplina académica» (ÁLVAREZ ARECES, 2001, p. 7). Além disso, a Arqueologia Industrial pode ainda ser perspectivada como uma nova metodologia em História Económica (MENDES, 1995, p. 37-70).

Com a intensa e acelerada reconstrução que se seguiu à II Guerra Mundial (1939-1945) e o rápido crescimento económico, nos chamados “anos de ouro do século XX” – décadas de 50 e 60 e inícios da de 70 –, muito do património industrial se perdeu, inclusive em atividades e ações inerentes ao

4 Num estudo sobre a temática, ao definir-se um sistema de classificação de estruturas industriais, referenciam-se nove categorias (FALCER e YANG, 2001).

processo de «destruição criadora», para usar a conhecida expressão de Joseph Schumpeter (1883-1950).

A alguns casos emblemáticos e bem conhecidos de demolições lamentáveis – Euston Station, em Londres, Les Halles, em Paris, ou o Palácio Cristal, no Porto, construído para a primeira Exposição Internacional da Península Ibérica de 1865 –, muitos outros se poderiam acrescentar, mas a lista seria interminável.

Também a desindustrialização verificada em muitas zonas, no último meio século, deu origem à formação de numeroso e diversificado património industrial, muito do qual, todavia, não resistiu à fúria da construção e pressão urbanística que se lhe seguiu.

Mas, em contrapartida, também se foi consolidando uma nova consciência acerca dos valores do referido património, na investigação como no desenvolvimento, na museologia como na reabilitação de antigas estruturas e equipamentos, no turismo como na cultura, na educação e no ensino-aprendizagem. Como já foi destacado:

*Amamos o que conhecemos,
conhecemos o que sabemos
e sabemos o que nos ensinam*
(SUÁREZ MORENO, 2001, p. 257).

Para essa mudança de mentalidade contribuíram novos valores políticos em emergência, a democratização da sociedade e a consideração entretanto adquirida por novos grupos sociais (SANTACANA MESTRE e SERRAT ANTOLÍ, 2001, p. 458). Deste modo, não surpreende que se olhe hoje o património industrial como acumulador de experiência ou, por outras palavras, como elo de ligação entre a sociedade industrial e a pós-industrial. Através dele transmitem-se conhecimentos às gerações futuras, nomeadamente no que se refere a valores e atitudes em relação ao trabalho.

A propósito, como já foi salientado, ao legado industrial – ou, por outras palavras, ao património industrial – podem atribui-se quatro diferentes tipos de valores, a saber:

1. *Simbólico e associativo*. Assim, o legado industrial servirá denexo tangível com o passado que sobreviveu.
2. *Informacional ou documental*. Todos os vestígios do passado industrial constituem fontes de informação primária sobre o processo que tem configurado a sociedade contemporânea. Como defende Jacques LE GOFF, todo o monumento é, simultaneamente, um documento (LE GOFF, 1984, p. 95-106).
3. *Económico*. Qualquer bem cultural, num envolvimento dinâmico, deve ter um valor económico que justifique a sua existência. Isso pode conseguir-se por duas vias: pela sua reutilização viável, através da qual se têm preservado diversas antigas instalações industriais; ou através da sua musealização por uma entidade pública ou privada⁵.
4. *Estético*. Certas estruturas industriais, além da sua funcionalidade – objetivo primeiro que esteve na base da sua edificação – apresentam ainda relevância estética, patente em certas instalações fabris, dos inícios da industrialização: bairros residenciais de gestores ou operários, pavilhões de exposições, mercados ou estações ferroviárias, para dar apenas alguns exemplos (IZCARA CAYUELA e ÁLVAREZ ARECES, 2005, p. 89-90).

Mesmo assim, a sua presença em listas globais relativas ao património ainda é escassa. Com efeito, dados relativos a 2001 – numa lista de património industrial, no conjunto do património cultural, a nível mundial –, constata-se que, dos 690 sítios de património cultural, só 28 eram considerados património industrial, o que correspondia apenas a 4% (FALCER e YANG, 2001, p. 9).

Salvaguarda e reutilização do património industrial

A relativa abundância de património industrial, por um lado, e a reduzida importância que muitos ainda lhe atribuem, por outro, colocam-nos

5 Sobre o valor económico do património, é de grande utilidade a leitura da obra de Xavier GREFFE (1990). Posteriormente, o autor publicou outra obra com interesse para quem se dedica às questões do património (GREFFE, 1999).

verdadeiros desafios quanto à sua salvaguarda e eventual requalificação e/ou reutilização.

Com efeito, não se podendo preservar tudo, devem ser definidos critérios quanto àquilo que deve ser salvaguardado, tendo sempre presente que a melhor forma de preservar é reutilizar, ainda que para funções diferentes das originais. Entre esses critérios, além dos de ordem estética, histórica e simbólica, devem considerar-se ainda os da possibilidade de adaptação a novas finalidades, assim como a utilidade e o respetivo interesse social do património a reutilizar.

Evidentemente que a montante da salvaguarda, mas como pré-requisito essencial, deve proceder-se à inventariação e respetiva catalogação, sem o que, além de desconhecermos o que efetivamente existe, se facilita a vida aos que desejem destruir ou inutilizar o mencionado património.

Em países com uma grande área e recheados de monumentos e sítios considerados património industrial, uma inventariação e catalogação completas é tarefa ingente e de difícil concretização. Como forma de controlar a dificuldade pode adotar-se uma estratégia análoga à que tem sido seguida no Reino Unido, a qual consiste na elaboração de inventários-guias, por determinadas áreas ou circunscrições restritas, a nível provincial ou autárquico – beneficiando do contributo da respetiva comunidade escolar –, com indicações úteis para quem se interesse pelo estudo e salvaguarda do dito património industrial. Apenas a título de exemplo – entre muitos outros –, recordem-se os seguintes, devidamente ilustrados: *A Short Guide to the Industrial Archaeology of Hampshire* (1994); *A Guide to the Industrial Archaeology of North West Wales* (1996).

Há quem defenda que, enquanto a história diz respeito ao passado, as questões relativas ao património estão relacionadas com o presente e com o futuro, sem esquecer o contributo que daquele pode advir para a qualidade de vida das comunidades. Peter Howard recorda:

«Uma distinção entre património e história reside no facto de um número considerável de assuntos de natureza patrimonial ser de pouco ou nenhum interesse para historiadores». A outra diferença é a seguinte: «a

história está interessada no passado, enquanto o património está interessado na forma como o passado pode ser conservado e interpretado, em benefício do presente e do futuro»(HOWARD, 2003, p. 21). A propósito, passou a ser relativamente comum a seguinte expressão, sobre a relação passado-futuro do património: “dar um futuro ao passado”.

Sempre que tal seja possível, o melhor modo de preservar o património industrial é *in situ*. Quando assim sucede, facilita-se a interpretação e a leitura do conjunto, dado que os elementos que constituem o dito património, longe de serem únicos, usualmente encontram-se integrados em sistemas e como tal devem ser interpretados. Em certos casos, os centros de interpretação podem contribuir para uma melhor compreensão do mencionado património industrial ou, de um modo geral, do património cultural.

O património industrial na museologia

O património industrial tem dado um excelente contributo à museologia, em especial à chamada *nova museologia*, intimamente associada à profunda renovação dos museus, à “criatividade renovada”, iniciada nos anos de 1970 e que se acelerou na década de 1980⁶.

Em primeiro lugar, ao proporcionar a implantação de unidades museológicas em antigas instalações industriais ou afins, disponibilizando, desse modo, estruturas apropriadas à criação de museus de referência. Em alguns casos, o fascínio do monumento industrial é tão grande que o “continente” passa a exercer um poder de atração superior ao transmitido pelo “conteúdo”, isto é, pelas próprias coleções.

Podiam apontar-se exemplos um pouco por todo o lado, mas basta recordar, entre outros, os da Tate Modern, em Londres (FIG. 1) – implantada nas instalações de uma antiga central termoelétrica, nas margens do rio

6 GOB e DROUGUET, 2006, p. 33. Ver também SANTACANA MESTRE e SERRAT ANTOLÍ, 2001, p. 637.

Tamisa⁷ –, vários museus de Ironbrige/Coalbrookdale, também na Grã-Bretanha, o Museu Ferroviário de Madrid, os Museus da Eletricidade e da Água, em Lisboa, o Museu dos Lanifícios, agora com a sua nova extensão, na Real Fábrica Veiga, na Covilhã, e em Porto Alegre, no Brasil, o antigo Gasómetro (FIG. 2). Com efeito, este foi reabilitado pela Prefeitura em 1998, «convertendo o edifício num grande centro cultural com auditórios, salas de exposições, tendas de produtos culturais, bares e um memorial com imagens sobre a história do edifício e do trabalho do quotidiano dos operários» (TARTARINI, 2005, p. 80).



Figura 1 – Tate Modern, em Londres.
Publicada em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tate_Modern

7 Trata-se de «um dos exemplos de maior projeção nacional e internacional, a central elétrica de Bankside, construída em duas fases entre 1947 e 1963, a qual substitui a anterior a carvão e esteve em funcionamento até 1981» (PARDO ABAD, 2005, p. 127).



Figura 2 – Gasómetro (Porto Alegre, Brasil).

Publicada em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Usina_do_Gas%C3%B4metro

Em segundo lugar, a maior parte dos mecanismos e objetos que povoam salas de exposições e reservas de museus da ciência e da técnica [Conservatoire des Arts et Métiers, em Paris, Science Museum, em Londres, Deutsches Museum, em Munique, Museu da Ciência e da Técnica da Catalunha, em Terrassa, ou o Museu da Ciência e da Indústria, em Chicago (FIG. 3)], bem como museus monográficos, dos mais diversos produtos e atividades, são precisamente parte do dito património industrial. Como recorda o autor da obra intitulada *A nova idade dos museus*:

Nenhum aspeto do mundo contemporâneo escapa aos museus: existe um Museu do Rato em Mishkino, na Rússia, um Museu da Caneta de Tinta Permanente, em Keswick, na Inglaterra, um Museu da Antiga Cultura Sexual, em Xangai, na China, um Museu Nacional da História dos Funerais, em Houston, um Museu da Água da Chuva em Tóquio, um Museu Internacional das Casas de Banho, em Nova Deli, e um Museu do Espargo, em Schlunkendorf, na Alemanha (TOBELEM, 2007, p. 15).



Figura 3 – Interior do Museu da Ciência e da Indústria de Chicago (EUA).
Publicado em [https://en.wikipedia.org/wiki/Museum_of_Science_and_Industry_\(Chicago\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Museum_of_Science_and_Industry_(Chicago))

Escusado será recordar que o dito património também ocupa lugar de relevo em ecomuseus, como, entre outros, o de Le Creusot⁸, em França, ou o do Seixal, em Portugal, ou nos “open air museums” dos países nórdicos e anglo-saxónicos ou, ainda, em complexos, industriais ou mineiros⁹, entretanto musealizados.

Fruto da intensa e rápida desindustrialização, verificada nas três últimas décadas, e da necessidade imperiosa de dar uma nova vida a esses contextos, em situação difícil, as instituições museológicas criadas nessas condições são por vezes conhecidas como “museus de crise”.

8 Ver catálogo das exposições realizadas em Paris (Musée d’ Orsay, 27 de janeiro a 21 de maio de 1995) e em Le Creusot (23 de junho a 30 de novembro, do mesmo ano), sob o título *Les Schneider, Le Creusot. Une famille, une entreprise, une ville (1836-1960)*.

9 Sobre um complexo mineiro, de reabilitação recente em termos sociais e culturais, ver RODRIGUES, 2005.

Como se acaba de expor, o património industrial está presente nos museus por duas vias, ou seja, pelo continente (estrutura, edifício) ou pelo conteúdo (coleções, objetos, mecanismos e utensílios, considerados património industrial).

Considerando o caso de Portugal, com base em estudos elaborados já há algum tempo, constatou-se que, dos 591 museus existentes no País – sob diversos tipos de tutela: administração central, regional, autárquica e privada –, pelo menos 74 tinham por foco o património industrial (não se trata de uma lista exaustiva), patente nos edifícios/continente ou nas coleções e objetos/conteúdo, isto é, 12,5%¹⁰. É bem provável que esta relação não tenha sofrido, nas últimas duas décadas, uma alteração significativa.

Ultimamente têm vindo a ser valorizadas as diversas funções dos museus, entre as quais o reforço identitário das comunidades e o encontro e intercâmbio de culturas. A propósito, já foi devidamente sublinhado:

Sem perderem a sua identidade, os museus podem e devem assumir-se como instituições ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, participando na construção de hábitos e formas de integração que possibilitem um enriquecimento coletivo de saberes e de práticas, de capacidades de pensar e agir localmente –, ou seja, com raízes identitárias – mas, ao mesmo tempo, de se confrontar com outras formas exógenas de conhecimento e de ação, podendo e devendo ser, também lugares de encontro e intercâmbios de culturas (PEREIRA, 2018, p. 14).

Património industrial e respetivos museus, ao serviço da cultura e da identidade das respetivas comunidades

Constata-se que o património industrial tem estado presente em diversos programas e atividades, no âmbito da União Europeia, e que tem sido feito um trabalho meritório, com vista à sua divulgação e valorização.

Não é possível fazer aqui o inventário de tudo o que tem sido realizado, pelo que somente recordarei algumas das principais medidas tomadas, chamando ainda a atenção para o muito que há a fazer.

¹⁰ SANTOS, 2005, p. 38; MENDES, 2013, p. 253-255.

Assim, deve ser recordada a dinâmica ação desempenhada pelo *The International Committee for the Conservation of Industrial Heritage* (TICCIH), ao nível internacional e, no plano nacional, pelos seus representantes e pelas associações, nacionais e regionais, dedicadas ao património e à Arqueologia Industrial. A realização periódica de encontros/colóquios, a investigação levada a cabo e a divulgação dos resultados têm contribuído para sensibilizar os estudiosos e a população, em geral, para as potencialidades do património industrial.

Em algumas universidades e centros de investigação – na sequência do que desde os finais dos anos 60 (1968) vinha a ser feito pelo complexo de Arqueologia Industrial de Ironbridge/Coalbrookdale, na Grã-Bretanha (FIG. 4) –, tem-se desenvolvido o ensino-aprendizagem e a pesquisa de assuntos relacionados com o património industrial que, entretanto, começou também a ser contemplado em trabalhos académicos, inclusive em dissertações de mestrado e teses de doutoramento.



Figura 4 – Ironbridge (Shropshire, Inglaterra). Publicado em https://en.wikipedia.org/wiki/The_Iron_Bridge

Permita-se-me que recorde, por exemplo, as atividades desenvolvidas na Universidade do Minho, em Braga, na Faculdade de Letras da Universidade

de Coimbra, na Universidade da Beira Interior, na Covilhã, na Universidade Aberta e na universidade Nova, em Lisboa, e na Universidade de Évora. Obviamente que também em diversos outros países – não só europeus como de outros continentes – se tem dedicado alguma atenção ao património industrial e respetivo estudo e pesquisa. Entre muitos outros, recordem-se: o Japão, Canadá e Estados Unidos da América e países latino-americanos, como o México e o o Brasil.

Também a UNESCO, ao contemplar alguns dos monumentos industriais mais célebres, integrando-os na lista de Património da Humanidade, chama a atenção para esta modalidade de bens culturais. É óbvio que associações como “Les Rencontres”, ao promoverem o desenvolvimento cultural de cidades e regiões europeias, contribuem igualmente para destacar o legado da industrialização, patente em muitas localidades. É que, como já foi notado por um autor, cerca de 2/3 do património urbano construído data dos dois últimos séculos.

Uma outra via para divulgar o património industrial passa pelas rotas turísticas do património industrial, nacionais, internacionais e transfronteiriças, que dão a conhecer as semelhanças e diferenças de realidades, por vezes geograficamente distantes, mas próximas, do ponto de vista das atividades desenvolvidas e das tecnologias e métodos de trabalho utilizados.

Entre outros exemplos, podem referir-se a Rota da Seda, Rotas do Vinho e Rota da Lã, tendo a Universidade da Beira Interior desempenhado um papel importante nesta última. Célebre se tornou, também, a Rota da Cultura Industrial do Vale do Ruhr¹¹, na Alemanha, a qual inclui 254 subrotas que, por sua vez, abrangem museus, cidades e conjuntos de povoações industriais, parques e espaços ao ar livre e pontos de observação(SANTACANA MESTRE e NÚRIA SERRAT, 2005,p. 444).

Também em Portugal se começa a pôr em prática o chamado “turismo industrial”, com a colaboração de empresas de vários ramos de atividade e respetivas autarquias, designadamente, entre outros, nos municípios de São João da Madeira (fábricas de lápis e de chapéus e reutilização das instalações

11 Atenda-se ao site da referida rota em <http://route.industriekulture.de>.

da antiga fábrica de máquinas de costura “Oliva”) e de Santa Maria da Feira (Museu do Papel Terras de Santa Maria, com demonstrações pedagógicas do fabrico manual de papel).

Não obstante a colaboração entre vários países — em certos casos com a intervenção ativa de museus de áreas geográficas com características similares, não eliminadas pelas fronteiras políticas¹² —, tem sido a nível nacional que as rotas de turismo industrial mais se têm incrementado. Isso mesmo se pode comprovar pela publicação recente da interessante e útil obra, intitulada *Rutas Culturales y Turísticas del Patrimonio Industrial* (2004). Aqui se pode ler, no texto de apresentação (p. 5):

As estratégias recentes referidas ao património industrial por parte das administrações, cidadãos e empresas demonstram interesses, às vezes confusos ou contraditórios, dentro de uma tónica geral de maior sensibilização e consideração do património industrial como novo bem cultural. O conjunto de estudos, investigações e propostas apresentadas [nesta] publicação ilustram as tendências atuais, as variantes sobre legislação acerca da conservação e das políticas públicas nestas matérias. Todas elas exemplificam e chamam a atenção sobre avaliação, proteção e gestão do património industrial.

Ao longo da obra, são identificados e valorizados vários géneros de rotas (efetivas ou potenciais) referentes, por exemplo, às indústrias: têxtil, açucareira, vitivinícola e mineira.

Entretanto, sem esquecer tudo o que tem sido realizado, mas antes identificando e incrementando as boas práticas, urge tomar novas medidas e investir em vários domínios — do ponto de vista dos recursos humanos e materiais —, dos quais sublinharei apenas os três seguintes: educação e formação, museologia e turismo cultural e desenvolvimento.

Educação e formação

Com a considerável mobilidade de docentes, investigadores e estudantes, no âmbito do chamado Processo de Bolonha — sem olvidar outros

12 Veja-se alguns exemplos em *Musées & Collections*, n.º 125, avril, 2000: *Les Musées et l'Europe*.

que também promovem a mobilidade –, estamos em condições de dar maior relevo ao património e à Arqueologia Industrial na investigação, em programas e unidades curriculares, em visitas de estudo e através de diversos meios disponibilizados pelas novas tecnologias.

No âmbito e em consequência da concretização do referido Processo de Bolonha, algumas das principais medidas a tomar passam pelo seguinte: ensino-aprendizagem centrado no aluno; aumento e diversificação substancial da oferta educativa, ao nível de mestrado/2.º ciclo, de doutoramento/3.º ciclo e de programas de pós-doutoramento; criação de ações de formação de tipo diverso, que permitam assegurar formação, a todos que a desejarem, ao longo da vida. Como é sabido, a *longlife learning* constitui uma das principais características diferenciadoras das políticas educativas do século XXI.

Ora, como a referida dinâmica irá repercutir-se no estudo e na investigação de novas temáticas, em muitas delas o património industrial pode e deve desempenhar uma função relevante. Acrescente-se, ainda, que o património industrial – além do seu carácter interdisciplinar, já acima mencionado – encerra ainda um determinado potencial formativo, pelo que deve ser focado, não apenas segundo uma perspetiva intelectual mas também emotiva. Com efeito, além do conhecimento, para lidar com o património industrial – e com o património cultural, em geral –, é necessário cultivar a sensibilidade e o gosto estético, pelo que, também sob este ponto de vista, se deve valorizar a inteligência emocional, para cuja importância Daniel Golman tem vindo a chamar a atenção, nas suas obras.

Museologia

Consoante a zona geográfica a que se reportam – e sem entrar aqui em detalhes sobre o que deve entender-se por museu, matéria acerca da qual não há unanimidade¹³ –, os museus podem ser: universais, internacionais,

13 Ver o interessante conjunto de estudos, publicados sob a direcção de François MAIRESSE e André DESVALLEES (2007).

nacionais, regionais/locais e casas-museus(GOB e DROUGUET, 2006, p. 44-45).

Ora, se os grandes museus se assumem como universais — o Louvre e o Quai Branly, em Paris, o British Museum, em Londres, o Hermitage, em São Petersburgo ou o Metropolitan Museum, em Nova Iorque, constituem bons exemplos — e alguns outros se posicionam no contexto internacional, a maior parte das instituições museológicas é de natureza nacional, regional e local. Na categoria destes últimos, os museus municipais assumem um papel decisivo. Em Portugal — e também em alguns outros países —, a explosão museológica registada nas últimas décadas tem passado muito pela dinâmica e inovação asseguradas pelos ditos museus.

No que diz respeito à Europa — ou, melhor dizendo, à Grande Europa, integrada na União Europeia, agora a 27 países —, muito há a fazer, o que não é de surpreender, pois trata-se de uma realidade em construção.

Relativamente ao ponto da situação, acerca dos programas culturais europeus, em 2000 foi sublinhado: «No domínio museal, 18% dos projetos correspondiam a uma cooperação transnacional já existente, 49% a projetos unicamente nacionais de base e 33% a projetos extensivos a novos parceiros de outros estados»(GOB e DROUGUET, 2006, p. 10).

Desde então, ao longo de mais de duas décadas, foram dados passos importantes e espera-se que o processo continue em pleno desenvolvimento. Para tal, torna-se necessário aproveitar devidamente os recursos disponíveis, investir na formação de pessoal especializado e intensificar a cooperação entre os Estados-membros, no campo da museologia e da museografia, com vista a promover e consolidar os valores comuns europeus(*Idem*, p. 11).

Evidentemente que os projetos a desenvolver não podem circunscrever-se unicamente a uma perspetiva europeísta e eurocêntrica. Ao invés, devem constituir elementos de diálogo, no movimento da mundialização e globalização em curso.

No que concerne ao património industrial e respetiva musealização, há que estudar e preservar muitos dos vestígios ainda existentes nos diversos

países europeus e, bem assim, o modo como as inovações surgiram e se difundiram pela Europa e, posteriormente, se expandiram pelo mundo.

Urge, pois, criar museus internacionais — com forte componente europeia, mas ainda com o contributo proveniente de outros continentes — e parques de tecnologia em certas regiões industriais típicas, o que é impossível ser feito por um único país. Entre as indústrias a contemplar, recordo, por exemplo, as seguintes: têxtil e calçado, vidro e cerâmica, metalúrgica e das madeiras; no que se refere à mineração, a extração de carvão e de diversos outros minérios, em várias regiões da Europa e de outros quadrantes; no âmbito dos sistemas de transporte, o caminho de ferro e a sua evolução, a construção naval e a indústria automobilística devem merecer especial atenção.

Também passa pelo tratamento dado ao património cultural europeu a perspetiva que desejamos adotar em relação à Europa: um conjunto de países que cooperam, para vários fins, ou uma verdadeira união?

Sob este ponto de vista, tomar certas medidas, em termos de museologia europeia, nem sempre será fácil. Como já foi recordado: «mesmo os países mais federalistas não estão ainda preparados para deslocar os seus exemplares do património, massivamente, para museus europeus, em Estrasburgo ou Bruxelas»¹⁴.

Todavia, no que concerne ao património industrial, essa atitude nacionalista é suscetível de ser atenuada. Além de se tratar de um património mais recente e abundante, a sua natureza permite ligá-lo mais às grandes inovações civilizacionais, não delimitadas pelas fronteiras políticas, do que aos feitos nacionais.

Turismo cultural e desenvolvimento

Até recentemente, mais na Europa do que noutros contextos — entre os quais é justo referir os Estados Unidos da América —, ao património eram

14 Peter Howard, 2003, p. 174. Sobre a relação entre museus, nação e património, ver POULOT, 1997.

atribuídos diversos tipos de valores, nomeadamente estético, histórico, simbólico, de testemunho e alicerce da memória. Todavia, nas últimas décadas, tem-se colocado a tônica, também, nos valores de uso e económico do património cultural. Como é sabido, o autor francês, Xavier Greffe, dedicou toda uma obra, aliás bastante interessante, ao *valor económico do património* (GREFFE, 1990).

A valorização económica do património está associada ao alargamento da importância dos museus e dos próprios sítios que integram o património. Daí o falar-se de “museomania”, inflação patrimonial e proliferação patrimonial. Como já foi notado, a perspectiva do valor económico do património tem dado origem a um novo vocabulário, como denotam os seguintes termos: animação, gestão, tráfico, exploração (TOBELEM, 2007, p. 206).

Em ligação estreita com o património, os museus e os sítios culturais/lugares de memória encontra-se o turismo — incrementado com as férias pagas e a necessidade de uma melhor fruição dos tempos livres, estudados, por exemplo, por Alain Corbin (2001, p. 458) — e, de modo muito especial, o **turismo cultural**. É precisamente a integração do património nos circuitos turísticos que confere, ao turismo cultural, a imagem de marca¹⁵.

O turismo, em geral, já foi considerado como “passaporte para o desenvolvimento”. Como destaca Emanuel de KADT, na obra intitulada precisamente *Tourism. Passport to Development?*:

Estritamente falando, não há propriamente uma “indústria do turismo”, análoga a outras indústrias específicas (de construção, do aço ou agrícola). Ao invés, os turistas compram bens e serviços de uma variedade de indústrias, usualmente com mais ou menos dois terços das despesas efetuadas em hotéis e restaurantes, normalmente identificados com o setor do turismo (KADT, 1979, p. X).

Na sociedade pós-industrial e do conhecimento em que nos inserimos, as chamadas indústrias da cultura ocupam uma função cada vez mais relevante, devendo ainda salientar-se, no âmbito daquelas, o referido *turismo cultural*, pelas suas vantagens e potencialidades. Num estudo sobre a temática, publicado pela Comunidade Europeia, pode ler-se:

15 Ver, por exemplo, CLUZEAU, 1998.

Este turismo de curiosidade, fundamento do *turismo cultural*, tem a vantagem de ser independente das estações, de se desenvolver nas diferentes partes do território, nas cidades e no campo, junto ao mar e nas zonas montanhosas, de interessar a todas as clientelas, aos jovens, aos adultos como aos idosos, de elevar o nível dos conhecimentos gerais e também de favorecer o progresso económico, social e intelectual das populações [*Tourisme (Le)*..., 1993, p. 6].

A especialização e a segmentação turística, em função do produto turístico, mas também dos destinatários, tem levado, inclusive, ao incremento do *turismo industrial e técnico*, no centro do qual está o património industrial. De facto, “desde os anos de 1950 que os gestores tomaram consciência do interesse em dar a conhecer aos seus clientes, atuais e potenciais, aos fornecedores e aos representantes dos serviços públicos, o conjunto das suas atividades, abrindo às visitas as portas das suas instalações”(*Idem*, p. 24).

Por outro lado, o turismo cultural pode ajudar a consolidar a ideia e a identidade de Europa, pondo em relevo, por um lado, a sua diversidade e, por outro, a própria unidade da cultura europeia(*Idem*, p. 15-16).

Também por esta via se podem veicular e cultivar os valores da tolerância, da compreensão do outro e do reconhecimento da diversidade, não só entre os europeus como entre as minorias étnicas que, oriundas de outros continentes, escolheram a Europa para trabalhar e residir.

Nesse sentido, aos valores associados ao património e aos museus, já indicados, acrescento agora o **valor pedagógico**, essencial na formação de cidadãos europeus e do mundo.

A propósito, recordo a citação da passagem de um texto de Christian LAVILLE que, ao falar de uma consciência histórica europeia, alude a uma espécie de **moeda cultural**: «É necessário que a moeda comum seja acompanhada por uma *moeda cultural* correspondente, para ajudar as nações europeias e os cidadãos a identificar-se culturalmente no espaço europeu já formado, a fim de poderem considerá-lo como seu». Mas, acrescenta: «É preciso que essa moeda cultural não seja introduzida [...] da mesma forma usada para o Euro» (LAVILLE, 2003, p. 22).

Sugere, pois, que essa introdução se faça através da escola e do programa de história, processo no qual o património industrial, os museus e o turismo cultural podem desempenhar um papel muito significativo.

A fim de colmatar a lacuna de uma certa ausência de questões relacionadas com o património industrial e respetiva museologia nos programas escolares, pode ser utilizada, com vantagem, a estratégia pedagógica empregue no Reino Unido nos inícios da institucionalização da Arqueologia Industrial como área de ensino-aprendizagem (décadas de 1960-70).

Sugeria-se, na altura, que se utilizasse o que designavam como *porta de serviço*, ou seja, que se focassem as referidas questões – relativas ao património e à Arqueologia Industrial – em rubricas tradicionalmente referenciadas nos programas escolares. Como exemplos, podem referir-se as revoluções industrial, agrícola e dos transportes, a industrialização, a evolução dos sistemas de energia e das diversas tecnologias, para dar apenas alguns exemplos.

E acrescenta-se, em artigo sobre o assunto (1979):

Aqueles que acreditam na IA [Arqueologia Industrial], como uma experiência educativa, desejam que um dia, no futuro, os estudantes saibam pelo menos tanto acerca do património industrial como correntemente sabem sobre as vias romanas ou as igrejas normandas (FYFIELD-SHAYLER, 1979, p. 2).

Conclusão

A evolução política, socioeconómica e cultural das comunidades, desde meados do século XX, induziu os decisores, investigadores, professores e agentes culturais a prestarem mais atenção aos vestígios e testemunhos do desenvolvimento económico, ao logo do tempo. Consequentemente, a noção de património cultural ampliou-se de forma significativa, passando a englobar novos aspetos da realidade, de entre os quais se tem destacado exatamente o património industrial.

Para o despertar dessa nova perspetiva e sensibilização, por parte da sociedade, também contribuíram o rápido desaparecimento e mesmo a

destruição de uma parte relevante desse património, quer pelos efeitos devastadores do segundo conflito mundial (1939-1945), quer pela acelerada desindustrialização que se lhe seguiu, em diversas áreas e localidades de muitos países.

Simultaneamente com a valorização e preservação do dito património industrial foi criada, a partir dos anos de 1950, um novo “território” de pesquisa e ensino-aprendizagem, a Arqueologia Industrial. Esta, cujo objeto é precisamente o mencionado património industrial, tem por função o estudo e divulgação, bem como a sua salvaguarda, requalificação e reutilização de bens culturais de índole industrial, no sentido genérico da expressão e sem restrições cronológicas rígidas.

As repercussões desse novo olhar para os bens culturais de índole industrial fizeram-se sentir, por exemplo, no mundo académico – investigação, ensino-aprendizagem e publicações especializadas –, no turismo, especialmente no turismo cultural, e nas políticas e estratégias de gestão cultural, urbanística e ambiental.

No âmbito da museologia – sobretudo na “nova museologia” – os efeitos foram de grande monta e muito contribuíram para a criação ou atualização de elevado número de instituições museológicas, designadamente museus, ecomuseus e centros de interpretação. Em muitas circunstâncias, tem-se também optado pela musealização e preservação *in situ* de ambientes industriais, mineiras ou relacionados com os transportes e comunicações.

Assim, pode constar-se que um número considerável de museus – nacionais, regionais, autárquicos ou locais, de tutela pública, autárquica ou privada – têm alguma relação com o aludido património industrial, pelo continente (estruturas e edifícios) ou pelo conteúdo (coleções, tecnologia e objetos de vária índole)¹⁶.

16 Agradeço ao Doutor Duarte Manuel Freitas, pela colaboração prestada, na revisão do texto e na seleção das imagens.

Referências

ÁLVAREZ ARECES, Miguel Ángel (coord.). **Arqueología Industrial, Patrimonio y Turismo Cultural**. Gijón: INCUNA, 2001.

ÁLVAREZ ARECES, Miguel Ángel (coord.). **Patrimonio Industrial: Lugares de la Memoria. Proyectos de reutilización en Industrias Culturales, Turismo y Museos**. Gijón: INCUNA, 2002.

ANDRIEUX, Jean-Yves. **Le Patrimoine Industriel**. Paris, PUF, 1972.

BALLART, Josep. **El patrimonio histórico y arqueológico: valor y uso**. Barcelona: Editorial Ariel, 1997.

BERGERON, Louis e DOREL-FERRE, Gracia. **Le Patrimoine Industriel. Un nouveau Territoire**. Paris: Ed. Liris, 1996.

CLUZEAU, Claude Origet du. **Le tourisme culturel**. Paris: PUF, 1998.

CORBIN, Alain. **História dos tempos livres. O advento do lazer** (trad. do francês). Lisboa: Teorema, 2001.

FALSER, Michael e YANG, Minja. **Global Strategy Studies. Industrial Heritage Analysis. World Heritage List and Tentative List. Is Industrial Heritage under-represented on the World Heritage List?**. Paris: UNESCO, 2001.

FYFIELD-SHAYLER, Brian A. "A back door into the schools". **Industrial Archaeology**. 14 (1), pp. 1-3, 1979.

GOB, André e DROUGUET, Noémie. **La museologie. Histoire, développements, enjeux actuels**. Paris: Armand Colin, 2006.

GREFFE, Xavier. **La valeur économique du patrimoine. La demande et l'offre de monuments**. Paris: Anthropos, 1990.

GREFFE, Xavier. *La gestion du patrimoine cultural*. Paris: Anthropos, 1999.

GWYN, David e WILLIAMS, Merfyn C. **A Guide to the Industrial Archaeology of North West Wales**, 1996.

HOWARD, Peter. Heritage. **Management, Interpretation, Identity**. Londres-Nova Iorque: Continuum, 2003.

IZCARA CAYUELA, Carlo e, ÁLVAREZ ARECES, Miguel Ángel. "Los valores del patrimonio industrial: posibilidades didácticas en la enseñanza de las ciencias sociales". **Didáctica e interpretación del Patrimonio Industrial**. Gijón: INCUNA, 2005, p. 89-96.

KADT, Emanuel de. *Tourism. Passport do Development? Perspectives on the Social and Cultural Effects of Tourism in Developing Countries*. Washington: World Bank and UNESCO; Oxford: University Press, 1979.

LASLETT, Peter. **O Mundo que nós perdemos**. Lisboa: Edições Cosmos, 1975.

LAVILLE, Christian. “Pour une éducation historique critique, qu’attendre du courant de la conscience historique?”. In TUTIAUX-GUILLON, Nicole e NOURRISSON, Didier (Dir.), *Identités. Mémoires, conscience historique*. Saint-Étienne: Publications de l’Université de Saint-Étienne, 2003, pp. 13-26.

LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In ROMANO, Ruggiero (Dir.), **Enciclopédia Einaudi**. vol. 1: Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, p. 95-106.

MAIRESSE, François e DESVALLEES, André. **Vers une rédefinition du musée?**. Paris: L’Harmattan, 2007.

MENDES, José Amado. “Novas metodologias em História Económica: A Arqueologia Industrial”. **Revista Portuguesa de História**. XXX, 1995, p. 37-70.

MENDES, José Amado. **Estudos do Património. Museus e Educação**. 2.^a ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

Musées & Collections (2000). N.º 125, 1: **Les Musées et l’Europe**, s/p.

PARDO ABAD, Carlos J. “Las ciudades británicas y la rehabilitación turística y residencial del patrimonio industrial”. In ÁLVAREZ ARECES, Miguel Ángel (Coord.), **Didáctica e interpretación del Patrimonio Industrial**. Gijón, INCUNA, 2005, p. 119-131.

PEREIRA, Gaspar Martins. “Memória, História e Património: Reflexão em torno do processo de educação patrimonial”. **Revista Memória Rural**. 1, 2018, p. 9-15.

POULOT, Dominique. **Musée, Nation, Patrimoine.1789-1815**. França: Ed. Gallimard, 1997.

Regionalverband Ruhr - Route Industriekultur – Startseite. Acesso em: <http://route-industriekultur.de>, acessado em 27 de junho de 2022.

RODRIGUES, Paula. **Vidas na mina. Memórias, percursos e identidades**. Oeiras: Celta Editora, 2005.

Rutas Culturales y Turísticas del Patrimonio Industrial. Gijón: INCUNA, 2004.

SANTACANA MESTRE, Joan e NÚRIA SERRAT, Antoli (Coords.) **Arqueología Industrial, Patrimonio y Turismo Cultural**. Gijón: INCUNA, 2001.

SANTACANA MESTRE, Joan e NÚRIA SERRAT, Antoli (Coords.) **Museografía Didáctica**. Barcelona: Editorial Ariel, 2005.

SANTOS, Maria de Lurdes Lima (Coord.) . **Panorama Museológico em Portugal. 2000-2003**. Lisboa: Observatório de Actividades Culturais/Instituto Português de Museus/Rede Portuguesa de Museus, 2005.

Schneider (Les), Le Creusot. **Une famille, une entreprise, une ville (1836-1960)**. Paris: Librairie Arthème Fayard-Écomusée de la Communauté Le Creusot Montceau-les-Mines, 1995.

Short (A) Guide to the Industrial Archaeology Industrial. Hampshire . Hampshire: Association for Industrial Archaeology, 1994.

SUÁREZ MORENO, Francisco. "El patrimonio agroindustrial canario: protección, conservación y didáctica". In ÁLVAREZ ARECES, Miguel Ángel (Coord.), **Arqueología Industrial, Patrimonio y Turismo Cultural**. Gijón: INCUBA, 2001, p. 250-266.

TARTARINI, Jorge D. . "Gestión y enseñanza del patrimonio industrial: la experiencia iberoamericana". In ALVAREZ ARECES, Miguel Ángel (Coord.), **Didáctica e interpretación del patrimonio industrial**, Gijón: INCUBA, 2005, p. 77-88.

TOBELEM, Jean-Michel. *Le nouvelle âge des musées. Les institutions culturelles au défi de la gestion*. Paris: Armand Colin, 2007.

Tourisme (Le) Culturel en Europe. Études. Bruxelas-Luxemburgo: Commission des Communautés Européennes/Direction Générale XXII Unité Tourisme, 1994.

TROTTIER, Louise. "Preface", *TICCIH/CSIH'94*. The Ninth International Conference on the Conservation of the Industrial Heritage/IXe Congrès International sur la Conservation du Patrimoine Industriel. Ottawa: Canadian Society for Industrial Heritage, 1994, p. 4-5.